

APRESENTAÇÃO

Fraternura epistemológica e ciranda sertânica em Miguel Almir

É com enorme satisfação e, ao mesmo tempo, enorme responsabilidade que escrevo estas poucas palavras como apresentação deste importante e fecundo trabalho do poeta-filósofo-professor, Miguel Almir Lima de Araújo, parceiro de lidas acadêmicas, de bonitezas criativas e poéticas nas veredas da filosofia e da arte-educação....

Miguel é uma nobre figura, quase quixotesco, nada triste, ao contrário do personagem cervantino. Mais fiel seria vê-lo emoldurado pelas tramas literárias de outro grande amigo e gigantesca alma brasileira, Ariano Suassuna. Miguel sabe, como poucos, alinhar em suas rigorosas reflexões filosóficas e educacionais, tanto a erudição de matriz européia, como a fidelidade armorial da ética e da estética de nossa nordestinação. Como neto de guerreiro mongoió e altivo afro-lusitano de São Jorge dos Ilhéus, me irmano com Miguel, como nordestinado, na divina dívida de valorizar a água e a partilha do alimento nas itinerâncias destas sertanias do semi-árido em direção ao Mar (mar de dentro de si-mesmo ou mar do litoral, tanto faz...).

E assim, também me "*hermano*" com Miguel em sua sensibilidade à flor-da-pele por dialogar tão bem com as matrizes também indígenas, andinas, guaraníticas de nossa ameríndia; bem como com a tradição ibérica de que herdamos o canto, o menestrel, o trovadoresco e a jogralesca que permeiam a alma em lições refinadas de reflexão, música, telurismo e paixão pelo Outro – sobretudo, como via de acesso ao mais íntimo de nós: nossa alma brasileira.

Talvez o leitor estranhe a sucessão de neologismos. Mas, aqui remedamos ao mestre Miguel Almir, lembrando que não temos um dicionário de miguelês; mas, a inteligência criante do poeta exige criar a palavra que possa melhor dar conta dos sentidos que toca. Como um malungo catingueiro que encarna o mítico Orpheu, Miguel tange as cordas de sua lira e extrai palavras novas cheias de frescor, como "*infância da língua*", diria o poeta pantaneiro, Manoel de Barros.

Um feixe de arco-íris é o que o poeta-filósofo-professor coleta em suas andanças e nos oferece, em sua dança obsedante: a ciranda. De mãos dadas, em um grande círculo, com a mesma canção nos lábios, o tradicional encerramento (ou abertura) das aulas-espetáculo, é a grande metáfora epistêmica e ética de Miguel: a religação ao Uno do coletivo pelo colorido das diferenças. E aqui a postura epistemológica é trans-tradução estética de sua ontologia: *fraternura*.

Não se trata apenas de um conjunto de postulados e axiomas que regurgitem em espasmos programáticos uma fraternidade esvaída e esvaziada de sentidos (desde a *Aufklärung*); mas da prática carinhosa e prene de ternura de ações fraternas em direção à autonomia, autogestão e autopoiese das pessoas, concretas e em carne e osso, e angústias e sonhos, em sua mais radical policromia.

Esta *Pedagogia do Encantamento* praticada e pensada por Miguel Almir, na fruição do fenômeno de educar, é o corolário vivencial de quem se interroga e ao mundo num prisma multifacetado matizado pela fenomenologia, pela hermenêutica e pelo existencialismo; sem nunca perder de vista a materialidade do corpo e do mundo vivido: *corporeidade*. Exercitando a *intuição* como categoria importante que ele recupera do lodo indiferenciado das leituras superficiais e modismos editoriais, assim como procede com a *afetividade*, tratada com a devida seriedade que nos exige, anos-luz distante do sentimentalismo barato que impregna a literatura de pedagogês e correlatos de "*auto-ajuda*". Assim, Miguel Almir pode nos esclarecer com a necessária profundidade os processo de *mitopoiése* (elaboração através do mito) e nos ajudar a compreender a gênese e o processo da *razão-sentido*; também anos-luz da razão instrumental

ou do racionalismo positivista e das conseqüentes racionalizações que acompanham a globalização do tardio e agonizante *kapitalismus geist*: um mínimo de dispêndio de energia e trabalho para obter um máximo de produtividade e lucro. Todo ao contrário, Miguel Almir nos re-encanta. Nos possibilita re-encontrar o valor do nosso próprio *canto*. Esta encarnação do *logos*, mediado pelo *mythós*, se ritualiza nas linguagens da arte-educação agudizando e refinando a *sensibilidade* – no seu sentido mais kantiano (do último Kant), isto é: como condição de possibilidade para todo o conhecimento. E, então, a inteligência (a capacidade de leitura por dentro, *inte-legere*), como leitura de si e leitura do mundo em nosso mestre nordestinado, Paulo Freire, se revela, amorosa e sensualmente, como *intellectus amoris*, a *intelecção amorosa*. Assim ele brinca e se imbrica nas manifestações étnicas, nos exercícios lúdicos, na sinergia, na simpatia e na empatia das rodas, danças, cantigas, brinquedos populares, recursos imagéticos das fotografias, filmes, desenhos, pinturas, fábulas, etc com o fito último de educar como *rito de iniciação*, na apresentação do mundo, em sua reflexão sensível, fruição e celebração com sentidos pregnantes. Como diz uma das alunas de Miguel Almir, fielmente, em versos: "*depois de muita cantoria, deixei fluir minha alegria. A Filosofia já me causou agonia, mas agora eu descobri que a filosofia é a busca constante do conhecimento e da sabedoria. Deixei 'parir' minhas idéias e meu conhecimento, aprendi a admirar a beleza de cada momento.*"

Exercício de "*boniteza*", na lição freireana, ao qual Miguel Almir nos complementa a lição condutora e antropolítica do chão rachado pelo sol inclemente que anseia pela água: "*inspirando nessa compreensão ontológica da Sensibilidade, o educar implica em práticas educativas de cunho libertário*". É assim que o filósofo-poeta-professor revela a trama de seu texto: além de cirandeiro, Miguel também é tecelão: "*entretecer e bordar formas de conduzir e de cerzir a urdidura da ação de educar*".

Miguel ouviu, dos cantos das tecelãs, os segredos de "*alvo-recer nas brumas do arrebol de cada aurora*".

Que cada um, na leitura multicolor desta obra, assim como
na ciranda, alvoreça ao seu modo e ao seu tempo, em sua aldeia.
Mas, sempre em *fraternura*.

Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos
Professor de Mitologia Comparada
Livre-docente da Faculdade de Educação - USP